



DIÁLOGOS ENTRE A TRADIÇÃO POPULAR DAS FESTAS JUNINAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Admur Severino Pamplona¹

Universidade Federal de Mato Grosso,
Campus Universitário do Araguaia, Instituto
de Ciências Exatas e da Terra.
Doutor em Educação, na área de Educação
Matemática – UNICAMP/SP
Rua Marechal Rondon, 30. Bairro João
Rocha. Pontal do Araguaia-MT,
78698-000.
Telefone: (66) 3401-3004
E-mail: admursp@hotmail.com

Wanderleya Nara Gonçalves Costa²

Universidade Federal de Mato Grosso,
Campus Universitário do Araguaia, Instituto
de Ciências Exatas e da Terra.
Doutora em Educação, na área de Educação
Matemática – USP/SP
Campus Universitário do Araguaia, Avenida
Universitária, 3500. Pontal do Araguaia-MT,
78698-000.
Telefone: (66) 3402-1100
E-mail: wannara@ufmt.br

Resumo

Este texto apresenta algumas discussões e descreve ações desenvolvidas no âmbito de um projeto de acolhimento aos calouros realizado por meio de uma festa junina. Inicialmente concebido pelo PET Matemática Araguaia para receber os novos estudantes do Curso de Licenciatura em Matemática do *Campus* Universitário do Araguaia. O principal objetivo era a integração dos calouros com os veteranos e os professores do curso, de modo a gerar um sentimento de identificação, de pertença e de satisfação que podem interferir no desejo de permanência na Universidade. O projeto também teve como objetivo a exploração pedagógica desta prática multicultural, de modo a permitir que os futuros professores de matemática desenvolvessem saberes docentes utilizando metodologias inovadoras para abordar conceitos matemáticos presentes na decoração da festa. No entanto, durante o seu desenvolvimento, o projeto foi expandido para atender estudantes de quatorze cursos e, ao final, permitiu a efetivação de discussões sobre: *a*) as origens e os possíveis efeitos de trotes aos calouros universitários; *b*) as relações entre a Universidade e a cultura popular; *c*) o papel que historicamente as festas juninas têm assumido no ambiente escolar; *d*) as possibilidades que a festa junina apresenta para o cumprimento das leis n.º 10.639/2003

e nº 11.645/2008 na disciplina de matemática; e e) o uso de situações problemas para o ensino contextualizado de conceitos geométricos. Ao longo do texto, após a exposição dessas discussões, nossa experiência é narrada de modo a destacar que no projeto que executamos, tanto a recepção aos calouros quanto a festa junina foram ressignificadas, tornando-se *locus* privilegiado para a atividade criativa relacionada à formação de professores e ao ensino de matemática. Concluimos que as atividades realizadas tornaram possível estabelecer diálogo, conscientização, processos pedagógicos e troca de conhecimentos entre professores, estudantes universitários, calouros e veteranos; além de entre estes e diversos agentes da Educação Básica.

Palavras-chave: Acolhimento ao Calouro; Formação de Professores; Licenciatura em Matemática; Extensão Universitária.

Resumen

Este texto presenta algunas discusiones y describe las acciones emprendidas en el marco de un proyecto de acogida de los estudiantes de primer año se lleva a cabo por medio de una festa junina. Diseñado originalmente por PET Araguaia Matemática para recibir a los nuevos estudiantes de la Matemática del Campus Universitario del Araguaia, el objetivo principal fue la integración de los estudiantes de primer año con los veteranos y los profesores del curso, a fin de generar un sentido de identificación, pertenencia y satisfacción que pueden interferir con el deseo de permanecer en la universidad. El proyecto también tuvo como objetivo inicial la explotación de esta práctica pedagógica multiculturales, así como permitir a los futuros profesores de matemáticas para desarrollar los conocimientos docentes utilizando metodologías innovadoras para abordar los conceptos matemáticos presentes en la decoración de la fiesta. Pero, durante su desarrollo, el diseño inicial fue ampliado para atender a estudiantes de 14 cursos y permitió la realización de debates sobre: a) los orígenes y los posibles efectos de llamadas novatadas a estudiantes universitarios; b) las relaciones entre la universidad y la cultura popular, c) el papel que históricamente los festivales de junio han asumido en el entorno escolar; d) las posibilidades de que la Festa Junina características para al cumplimiento de las leyes 10.639/2003 y 11.645/2008 en las disciplinas matemáticas, e) el uso de situaciones problemas para enseñanza contextualizada del conceptos geométricos. A lo largo de todo el texto, después de referirse a estos debates, nuestra experiencia es narrada con el fin de poner de relieve que, en el proyecto que ejecutamos, tanto la recepción de estudiantes de primer año como la Festa Junina fueron ressignificados para convertirse en un locus privilegiado para la actividad creativa en materia de formación del profesorado y la enseñanza de las matemáticas. Podemos concluir que las actividades realizadas permitieron establecer el diálogo, el conocimiento, los procesos pedagógicos y el intercambio de conocimientos entre profesores, estudiantes, novatos y veteranos; y entre estos y los diferentes actores en la educación básica.

Palabras-clave: Inicio del primer año; Formación de profesores; Licenciatura en Matemáticas; Extensión Universitaria.

CONTEXTUALIZANDO

Nos anos recentes, acirraram-se os discursos sobre o respeito aos valores humanos, à individualidade, à etnia, ao gênero, dentre vários outros. Não obstante, também se expandiram o fundamentalismo religioso, a xenofobia e, ainda a violência em forma de *bullying* e constrangimentos aos calouros nos trotes universitários.

De fato, o trote universitário é um "ritual" de recepção aos estudantes calouros que faz parte da tradição acadêmica de alguns países; no Brasil, o costume vigora desde o século XVIII, trazido por estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra. Contudo, esta prática tem chamado atenção por, frequentemente, impor aos novos estudantes situações humilhantes e, até mesmo, violência física. Assim, estudos como o de Lima (2012) e de Akerman, Conchão e Boaretto (2014) unem-se ao clamor de vários agentes da educação superior para contrapor-se à recepção violenta aos calouros. Em particular, esses autores salientam que o ingresso em um curso universitário é um momento crítico para o desenvolvimento do estudante, afinal, o calouro estará se inserindo em uma nova cultura e sendo acolhido por um grupo de pessoas ao qual deverá se integrar.

Nesse contexto, as atividades dedicadas à recepção dos estudantes calouros podem ser vistas como um ritual de entrada ou iniciação. Segundo Van Gennep (1978), os rituais constituem formas de um sujeito, inserido em determinada cultura, realizar a passagem de uma condição para outra. O autor explica que os ritos de iniciação são aqueles nos quais os sujeitos que são incorporados a determinado grupo social recebem instruções especiais a fim de possibilitar sua integração ao grupo, como é o caso das atividades voltadas para a recepção dos calouros. Assim, nessas ocasiões:

Como linguagens de comunicação, gostaríamos de ver os ritos comunicarem a potência do coletivo e do social. Expressão da natureza humana, o rito é linguagem metafórica que comunica para "dentro", para o próprio grupo, e para "fora", para outros grupos, para a sociedade, linguagem de sociabilidade e de socialização que pode ajudar a elaborar pressões, superar barreiras e transpor limites. (JEOLÁS; TOMMASINO, 2000, p. 47)

Por essa razão, Lima (2012) sugere que a universidade engendre maneiras de receber bem o calouro, a partir de ações conjuntas de gestores, professores e estudantes veteranos que marquem, de modo agradável, este rito de passagem.

Nossa tentativa de agir nesta direção ocorreu a partir da decisão de oferecer uma festa de integração organizada pelos estudantes veteranos do Curso de Licenciatura em Matemática do *Campus* Universitário do Araguaia, da UFMT, em conjunto com alguns de seus professores. Entretanto, compreendíamos que tal organização deveria ocorrer como parte das atividades de algumas disciplinas e/ou programas do Curso. A organização da festa deveria trazer momentos de aprendizado e de exercício de habilidades e competências docentes.

Ao ponderar sobre o projeto decorrente desta decisão, neste texto, descrevemos como foi concebido e desenvolvido um projeto de acolhimento a calouros de quatorze cursos da UFMT no *Campus*

do Araguaia, que se efetivou por meio de uma festa junina. O referido projeto teve origem no grupo do Programa de Educação Tutorial, o PET Matemática e foi primordialmente concebido para receber somente os calouros do curso de Licenciatura em Matemática, mas, posteriormente, estendeu-se aos estudantes de outros cursos. Assim, delinear-se-iam objetivos do projeto:

1. Acolher os estudantes para o novo período acadêmico, promovendo a integração de estudantes com diferentes graus de experiência, que atuem em diferentes programas.
2. Evidenciar e valorizar elementos multiculturais presentes na festa junina.
3. Estudar como a matemática se faz presente nos símbolos das festas juninas e engendrar maneiras de explorar didaticamente essa relação.
4. Promover um espaço no qual os estudantes veteranos do curso de Licenciatura em Matemática pudessem se envolver com a atividade docente que ocorre por meio do planejamento e da execução de oficinas pautadas pela metodologia de Ensino Via Projetos de Trabalho, compreendida a partir de Hernandez (1998).

Incentivar os estudantes ingressantes a participar de oficinas, minicursos e outras atividades de ensino e de extensão oferecidos pelo grupo PET ou por outros agentes do curso, como os alunos do estágio obrigatório. Interessava-nos, sobretudo, instaurar uma oportunidade de aproximação e de troca de conhecimentos e de experiências entre calouros, veteranos e professores, pois víamos ali a possibilidade de coadunar práticas de extensão com as de ensino e de pesquisa.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento do projeto, neste texto, nas primeiras seções, enveredamo-nos por algumas discussões sobre as origens e os possíveis efeitos de trotes aos calouros universitários e também das festas juninas realizadas em ambiente escolar. Nas seções finais, nossa experiência é narrada e apresentamos algumas reflexões sobre como tais eventos podem ser utilizados na perspectiva da formação de professores.

DO ACOLHIMENTO AOS CALOUROS

Numa universidade, cada curso é portador de seus próprios valores, teorias, regras de conduta e hierarquias. Ao ingressar num curso universitário, qualquer que seja, o estudante terá que se adaptar a novos ritmos de estudo e estratégias de aprendizagem e a um novo sistema de ensino e de avaliação – isto, de modo geral, dá margem a sentimentos de ansiedade e de insegurança. Mesmo que haja essa percepção, em muitas universidades e/ou cursos, o novo estudante é recebido por meio de trotes que, segundo pontua Lima (2012, p. 408), guardam “as reminiscências do uso que dele faziam os nobres na Idade Média”, quando sua principal função era destacar a diferença entre os ingressantes e os veteranos e não de integrá-los.

Em vista disto, ainda hoje se ouvem relatos de situações de humilhações, maus-tratos e discriminação sofridas pelos calouros. Este tipo de recepção ao estudante, pondera Lima (2012), imprime

um ideário no qual a universidade se mostra como uma instituição hierárquica e autoritária, e não um local no qual se preza a democracia e a defesa dos ideais humanitários.

Portanto, não sem razão, têm surgido ideias que visam estabelecer espaços/eventos que estimulem a integração e a empatia entre calouros, veteranos e docentes universitários e, dentre as várias iniciativas, destacam-se as festas. Geralmente organizadas pelas associações estudantis, as festas são capazes de estabelecer novos vínculos afetivos e sentimento de identificação grupal.

Também é provável que estas atividades facilitem o sentimento de 'pertença' de que falam Hausmann *et al.* (2007)³ ao promoverem o compartilhamento de espaços, interesses, expectativas e até dificuldades. Então, cabe aqui ressaltar que as atividades sociais não devem ser desprezadas ou colocadas em uma posição menor no processo de integração de novos estudantes, mas é preciso compreender que a adaptação acadêmica não se resume à integração social e que as atividades de acolhimento não podem ser responsabilidade apenas dos pares (ALBANAES *et al.*, 2014, p. 150).

Em face de tais considerações, esses autores sugerem que as instituições universitárias concebam a integração dos novos alunos como um processo estratégico e diretamente relacionado à satisfação e à permanência. Afirmam, ainda, que é importante a criação de estratégias amplas e transversais de acolhimento aos calouros e que, dentre estas, há que se pensar que “atividades sociais [festas] que reúnam alunos, professores, técnicos e até familiares poderiam ser mais frequentes, ampliando as relações para além daquelas calouro-veterano” (ALBANAES *et al.*, 2014, p. 150).

Vislumbra-se, pois, a possibilidade de que uma festa de recepção aos calouros ocorra não apenas a partir de iniciativas das associações estudantis, mas também de outras instâncias, dentre elas, como atividade de extensão. Esta possibilidade se concretizou com a festa junina organizada pelo grupo formado por estudantes e professores que atuam no Programa de Educação Tutorial, o PET Matemática Araguaia, e no Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID da Licenciatura em Matemática, além dos estudantes matriculados nas disciplinas de Estágio Supervisionado e de Laboratório de Ensino de Matemática e de Estatística do Curso de Licenciatura em Matemática do *Campus* Universitário do Araguaia, da Universidade Federal de Mato Grosso.

Ao decidirmos pela execução deste projeto de extensão, consideramos que, atualmente, a extensão universitária tem assumido, de forma marcante, o papel plural da universidade com relação aos seus compromissos sociais e à responsabilidade na formação do profissional cidadão. Assim, a universidade busca pautar suas ações pelo princípio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, na qual está inserido o ideal de justiça social, solidariedade e cidadania (HENNINGTON, 2005, p. 256) — para os quais a extensão tem importante papel.

Sob a égide dessa compreensão e devido à data do início do período letivo de 2016, que ocorreu em 13 de junho, decidimos que o projeto de extensão a ser elaborado teria como referência as festas juninas. Entretanto, isto somente ocorreu após amplas discussões a respeito da origem destas festas — relacionadas, ou não a um contexto religioso e do seu uso atual em ambiente escolar — como meio de arrecadação de recursos financeiros.

DA FESTA JUNINA

Seguimos, portanto, a sugestão de Giroux (2003) para que os estudantes universitários buscassem um entendimento mais amplo das situações, percebendo seu envolvimento com as dimensões mais profundas que nos tornam cúmplices de ideologias opressoras. Para tanto, diz o autor, os graduandos devem ser orientados para abordar e formular estratégias de transformação pelas quais suas crenças individualizadas possam ser articuladas com discursos públicos mais amplos que os levem em direção a atitudes públicas mais democráticas.

Giroux (2003) menciona várias estratégias capazes de oportunizar discussões que problematizem questões de ética, valores e comportamentos, que levem os estudantes a assumir o caráter construído nas diferenças, a conhecer as práticas que historicamente construíram essas diferenças e naturalizaram privilégios, dentre outras práticas reflexivas. Foi, portanto, a partir de reflexões que comungavam este tipo de preocupação que decidimos, em respeito às diferentes crenças religiosas dos estudantes, que a festa junina que realizaríamos traria os vestígios de sua origem pré-cristã, no hemisfério norte, cuja função era comemorar as boas colheitas e a fertilidade da terra, além de celebrar o solstício de verão.

Por outro lado, Campos (2007) ajudou-nos a compreender as razões pelas quais, atualmente, as festas juninas ocorrem em grande parte das escolas. Ele afirma que:

A partir de meados da década de 1970, as festas juninas começaram a ser introduzidas nas escolas paulistas. Cerca de 10 anos depois eram muito raras as escolas que não promoviam estes festejos. Em face da tendência educacional denominada Currículo como Tecnologia, que ficou mais conhecida como Tecnicismo – e que foi introduzida no Brasil pela Lei n. 5.692/71 –, estas festividades passaram a fazer parte do planejamento da escola e, por consequência, do próprio currículo, aparecendo como atividade prevista no calendário escolar. Entretanto, a finalidade da realização dessas festas, além de seu aspecto de ludicidade, adquiriu outros objetivos, como a arrecadação de numerário para que as unidades escolares pudessem financiar seus projetos. Outro motivo da promoção das festividades pelas escolas, às vezes admitido pelos educadores, é a insuficiência de recursos repassados pelo Estado ou pelas prefeituras, já que a falta de autonomia financeira as impede de comprar todo material permanente ou de consumo que necessitam. (CAMPOS, 2007, p. 592)

O autor destaca também que estas comemorações, em ambiente escolar, possuem outro papel, visto que “as festas juninas passaram a ser uma das formas de inserção e diálogo da instituição escolar na comunidade para a qual ela existe” (CAMPOS, 2007, p.593).

Compreendidas as funções que, historicamente, as festas juninas passaram a representar no ambiente escolar, tornou-se importante manter esta última atribuição – de integração com a comunidade. Mas, por outro lado, deliberamos que a festa não deveria ser um subterfúgio para arrecadação de recursos e que, ao contrário, retomariamos a tradição da partilha e da comemoração da fartura. Em virtude desta decisão, não se cobrou entrada e cada participante, fosse ele estudante, professor ou familiar, deveria ofertar uma porção de comida/bebida típica de festa junina. Decidiu-se ainda que a festa aconteceria na unidade I do *campus* do Araguaia, em Pontal do Araguaia/MT.



Figura 1: Pátio do *campus*, salas de brincadeiras e trajes típicos.

Queríamos também que as preparações para a festa junina constituíssem oportunidades para se pensar sobre o multiculturalismo no Brasil e, mais especificamente, sobre as determinações das Leis nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e nº 11.645, de 10 março de 2008 — que dispõem sobre a obrigatoriedade de abordar a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino (COSTA; PAMPLONA, 2017). Afinal, como aponta Rangel (2008), a tradição da festa junina evidencia as crenças e os costumes da sociedade, além de expressar a arte e a capacidade cognitiva do povo de descrever, através da música, da dança, das brincadeiras e improvisos, toda sua cultura, constituindo-se assim em um

símbolo de contribuição social de diferentes povos.

A autora destaca ainda que, atualmente, a festa junina pode ser considerada como representativa de vários elementos culturais que se fundiram ao longo do tempo, a partir da colonização do Brasil e da miscigenação de raças e culturas que constituem o povo brasileiro. Afinal, trazida para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial, a festa junina foi rapidamente incorporada e modificada por saberes e costumes indígenas, africanos e afro-brasileiros. Em vista desta preocupação com a valorização da origem multicultural da festa junina, foram destacadas, de modo mais contundente, as marcas das culturas indígena e africana na alimentação típica.



Figura 2: Alguns estudantes que participaram da organização do evento.

DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Apesar da importância da festa junina para acolhimento aos calouros e para a integração entre a comunidade universitária, pareceu-nos também relevante que a ocasião pudesse ser explorada também por sua vertente pedagógica, de modo que permitisse aos futuros professores de matemática desenvolver saberes docentes. Para tanto, como descrito em Costa e Pamplona (2017), foi solicitado aos licenciandos que participavam da organização da atividade que constituíssem propostas capazes de explorar, por meio de Projetos de Trabalho, conceitos matemáticos relacionados a alguns dos símbolos da festa junina.

Cabe lembrar que a organização do processo de ensino-aprendizagem por meio de Projetos de Trabalho se baseia na concepção de que a abordagem dos conteúdos escolares pode ocorrer a partir da necessidade de se resolver uma série de problemas, o que implica considerar que tais conhecimentos não se ordenam de uma forma rígida ou de referências disciplinares preestabelecidas. Compreende-se que, a partir de um contexto problematizador, é possível solicitar aos estudantes que criem estratégias de organização dos conhecimentos em torno de problemas que levem à elaboração de diferentes saberes disciplinares ou interdisciplinares (HERNANDEZ, 1998).

Para dar cabo desse desafio, os licenciandos se dividiram em grupos e, a partir de pesquisas sobre a tradição das festas juninas e dos símbolos nela envolvidos, decidiram que abordariam a fogueira, os balões, as bandeirolas e as pipas – pois, à primeira vista, estes apresentavam possibilidades mais interessantes para a exploração de conceitos matemáticos. Desse modo, fazia também parte do trabalho dos licenciandos, inicialmente, detectar e detalhar os conteúdos matemáticos conceituais presentes em cada objeto – fogueira, balão, bandeirola e pipa – e/ou em suas representações gráficas. Em seguida, cabia também aos estudantes da Licenciatura em Matemática preparar propostas de oficinas e construir os materiais didáticos necessários à exploração escolar de cada tema.

Assim, por exemplo, lembremos que “as fogueiras eram frequentes em todo o continente europeu, em festivais de verão, para afastar maus espíritos.” (RIBEIRO, 2002, p.29) e que foram, nesta condição, inicialmente incorporadas às festas. Contudo, posteriormente,

Aos poucos, os cristãos foram criando novas versões para os mitos a fim de explicar as práticas anteriores, pagãs - um exemplo é o simbolismo da fogueira. A motivação inicial de reunião da aldeia para celebrar a fertilidade, agradecer aos deuses e pedir proteção contra maus espíritos, foi substituída pela versão católica de que a primeira fogueira acesa nessa data teria sido na cidade de Jerusalém, onde viviam as primas Maria e Isabel. Isabel, no final da gravidez de seu filho João, combinara com Maria enviar um sinal após o parto. Esse sinal seria acender uma fogueira em frente a sua casa. A partir daí, o dia 24 de junho ficaria marcado pelas fogueiras em homenagem ao nascimento de São João (RIBEIRO, 2002, p.27).

De todo modo, mesmo que atualmente os organizadores das festas juninas se afastem das tradições acima apontadas, geralmente, no Brasil, tais festividades correm ao ar livre e na época mais fria do ano. Em decorrência destes fatores, a fogueira serve para aquecer as pessoas que participam da festividade. Contudo, observa-se que mesmo que ocorram num ambiente fechado ou no qual seja desaconselhável

acender uma fogueira, pelo menos uma representação dela se faz presente. No caso da festa junina que estávamos organizando, havíamos decidido ornamentar as mesas com mini fogueiras de papel de base quadrada e, a partir de representação plana de uma das faces da fogueira, pudemos explorar o Teorema de Tales (COSTA e PAMPLONA, 2017).

Por sua vez, outros objetos decorativos – os balões, as bandeirolas e pipas que faziam parte da decoração da festa – também foram analisados para que os elementos matemáticos ali presentes pudessem ser explorados. As bandeirolas das festas juninas foram mote para a exploração/revisão de conceitos relacionados a ângulos e triângulos; enquanto os pequenos balões, a partir de sua representação como octaedros, deflagraram estudos sobre os sólidos platônicos e também os sólidos arquimedianos. Em conjunto, este trabalho gerou quatro oficinas e sequências didáticas que, posteriormente, foram oferecidas em escolas públicas de educação básica.

De fato, solicitamos à UFMT que nos cedesse um ônibus e, sendo atendidos, percorremos os quase trezentos quilômetros (288 km) que separam Pontal do Araguaia de Nova Nazareth/MT. Formando um grupo de vinte (20) pessoas, pudemos testar, junto a estudantes do Ensino Fundamental e do Médio daquela cidade, as oficinas que havíamos produzido. Ao colocar à prova as nossas propostas pedagógicas, além de querermos aprimorar os saberes docentes dos licenciandos, tínhamos outros objetivos, visto que, em relação aos estudantes da Escola Municipal de Nova Nazareth e da Escola Estadual Tancredo Neves, visávamos:

- Aumentar o seu interesse e curiosidade pela matemática, de modo a estimular o estudo e aprendizado da matemática;
- Combater sentimentos aversivos pré-conceituais referentes à disciplina;
- Fixar conceitos já vistos em aula;
- Desenvolver criatividade, agilidade e dinamismo na resolução de problemas lógicos e matemáticos;
- Estimular o trabalho em grupo.

Há que se assinalar que a presença da UFMT nas escolas da cidade de Nova Nazareth estava atrelada ao planejamento anual do grupo PET Matemática, aos seus compromissos pedagógicos, éticos e sociais e ao desejo de ampliar sua ação, de modo a garantir que os licenciandos pudessem vivenciar situações capazes de melhor integrá-los ao seu campo de trabalho. Entretanto, a escolha desse município e de suas escolas também faz parte de um projeto maior de difundir, na região, a cultura matemática e que, em outras ocasiões, levou o grupo a Araguaiana, Paredão Grande e General Carneiro.

Assim, em conjunto com a Secretaria de Ação Social de Nova Nazareth, foi planejado um acontecimento cultural, uma vez que, além das oficinas, organizamos uma exposição para a qual todos os habitantes da cidade foram convidados a comparecer. Na ocasião, também observamos quais foram os jogos e experimentos pedagógicos que mais interessaram aos professores e estudantes das Escolas de Nova Nazareth e, posteriormente, como parte das atividades de extensão do Estágio Obrigatório, foram construídos e doados exemplares desses materiais.





Figura 3: Atividades de extensão em Nova Nazareth-MT

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais se reconhece que os espaços não formais da universidade interferem de modo determinante na construção das identidades profissionais dos estudantes, por isso, é importante que estes sejam expandidos, principalmente por meio de projetos de extensão. O projeto que elaboramos para

acolher os calouros teve repercussões na formação dos estudantes veteranos e, ainda, junto a estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

No que se refere aos estudantes calouros, a principal preocupação foi a sua integração, a geração de um sentimento de identificação, de pertença e de satisfação que pode interferir no seu desejo de permanência na Universidade, conforme sugere Hennington (2005). Nos dias que se seguiram à festa, constatamos que os estudantes calouros demonstraram sentir-se à vontade para dirigir-se aos colegas veteranos – especialmente àqueles que fizeram parte da organização da atividade.

Para os estudantes veteranos, o projeto foi concebido a fim de que estes pudessem refletir sobre questões concernentes ao multiculturalismo, a preconceitos, violências e exclusões. A contextualização e o apoio teórico para a efetivação destas reflexões foram fundamentais para que elas pudessem gerar conhecimentos e posturas que possam apoiar a abordagem das histórias e das culturas afro-brasileiras e indígenas. Importava também que os estudantes veteranos percebessem/criassem possibilidades de exploração pedagógica de conceitos matemáticos de objetos relacionados às festas juninas. Nesse sentido, a análise das mini fogueiras, das bandeirolas, dos balões foi capaz de inspirar a criação de sequências didáticas que foram exploradas em oficinas.

Assim, por meio de uma ação pedagógica que teve efeito a partir da adoção da metodologia de Ensino via Projetos de Trabalho, a atividade promoveu o compartilhamento de espaços, de interesses, de expectativas, de dificuldades e de conhecimentos. Afinal, foi necessária a articulação de um conjunto de estratégias que comungaram estudos teóricos, geração de materiais didáticos, produção e execução de oficinas para estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, além da festa em si, um efetivo entrelaçamento de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Finda a experiência, concluímos que as atividades realizadas no âmbito do projeto aqui discutido tornaram possível estabelecer diálogo, conscientização, processos pedagógicos e troca de conhecimentos entre professores, estudantes universitários calouros e veteranos. Para além da universidade, o projeto também atingiu professores e estudantes da Educação Básica, em consonância, portanto, com o papel atualmente traçado para a extensão universitária.

REFERÊNCIAS

AKERMAN, M.; CONCHÃO, S; BOARETTO, R. C. (Org). **“Bulindo” com a universidade**: um estudo sobre o trote na medicina. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

ALBANAES, P. *et al.* Do trote à mentoria: levantamento das possibilidades de acolhimento ao estudante universitário. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v.15, n.2, p.143-152, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200005>. Acessado em 04 dez de 2016.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.639**, de 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, e dá outras providências). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.html. Acessado em 10 de julho de 2009.

BRASIL. **Lei nº 11.645** de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.html>. Acessado em 03 dez. 2016.

BRASIL. Plano Nacional de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**, Natal-RN, 8 de maio de 1998. Brasília: SESu / MEC, 2001 (Atualizado). Disponível em: <www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_univeristaria/colecao_extensao_universitaria_1_planonacional.pdf>. Acessado em 02 de mar de 2016.

CAMPOS, J. T.. Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. **Educação e Sociedade**, Capinas-SP, v. 28, n.99, p. 589-606, maio/ago 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a15v2899.pdf>>. Acessado em 02 de mar de 2016.

COSTA, W. N. G.; PAMPLONA, A. S.. A festa junina como fator de integração universitária e de formação de professores. *In*: ENCONTRO PAULISTA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13, de 10 a 13 de maio 2017, UNICID/SP. **Anais do XIII EPEM**. São Paulo: SBEM/SP, 2017. (CD)

GIROUX, H. A.. **Atos Impuros**: A prática política dos estudos culturais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HENNINGTON, E. A.. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão universitária. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.1, p.256-265, jan/fev.2005. Disponível em <http://unifra.br/pos/saudecoletiva/downloads/Acolhimento_2.pdf>. Acessado em 07 dez. 2016.

HERNÁNDEZ, F.. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JEOLÁS, L. S.; TOMMASINO, K.. O Trote como Ritual de Passagem: o universal e o particular. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, n.2, p.29-49, jul/dez 2000.

LIMA, M. C. P.. Sobre trote, vampiros e relacionamento humano nas escolas médicas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v.36, n. 3, p.407-413, 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v36n3/16.pdf>>. Acessado em 03 dez. 2016.

RANGEL, L. H.. **Festas Juninas, festas de São João**: origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RIBEIRO, H.. Rotas da fé: Festas Juninas. **Caderno Virtual de Turismo**, v.2, n.3, p. 24-35, 2002. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/1154/115418117004.pdf>. Acessado em 04 dez 2016.

VAN GENNEP A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Ed Vozes, 1978.

Notas

¹Professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/CUA. admursp@hotmail.com

²Professora da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/CUA. wannara@ufmt.br

³Hausmann, L. R. M., Schofield, J. W., & Woods, R. L. (2007). Sense of belonging as a predictor of intentions to persist among African American and white first-year college students. *Research in Higher Education*, 48, 803-839.